

O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as ofensas (Provérbios 10:12)
Uma história proverbial Por Ted Hildebrandt e Chatgpt

No coração de uma pequena vila ensolarada, duas famílias viviam em conflito há gerações. Ninguém se lembrava exatamente de como tudo começou — uma cabra em disputa, uma cerca quebrada, talvez uma palavra descuidada ouvida e mal lembrada. Seja qual for a causa, os Gales e os Morans viviam em uma dança amarga de suspeita e vingança. O ódio mútuo alimentava conflitos constantes entre as duas famílias. Cercas eram cortadas, plantações pisoteadas e, em cada reunião na vila, olhares cortantes e palavras ásperas voavam como flechas.

No meio dessa guerra silenciosa, viviam os jovens Eli Gale e Mira Moran. Eles cresceram com avisos — "Não confie em um Moran", dizia o pai de Eli, e a mãe de Mira sibilava: "O sorriso de um Gale esconde uma adaga". Mas a vida, indiferente a velhos rancores, continuava a juntá-los: no mercado, no rio, sob o céu amplo e infinito. No início, eles franziam a testa e resmungavam, trocando os insultos herdados dos mais velhos.

Mas, com o tempo, essas farpas se suavizaram. Uma risada compartilhada por causa de uma cabra travessa. Uma mão estendida quando alguém tropeçava. Algo começou a crescer entre eles — algo terno e teimoso como uma flor da primavera brotando em solo endurecido.

Quando o celeiro do velho Sr. Moran pegou fogo numa tarde escaldante, a aldeia assistiu. Alguns balançaram a cabeça, outros sussurraram que certamente era obra de Gale. Mas ninguém se adiantou para ajudar.

Nenhum, exceto Eli.

Sem hesitar, ele se lançou em meio à fumaça. Ajudou a arrancar os animais assustados de seus cercados, pediu água e apagou as chamas com o casaco. Mira, embora apavorada, juntou-se a ele. Juntos, lutaram contra o fogo até desabarem, tossindo e cobertos de fuligem, sob a estrutura carbonizada do que restava.

A vila fervilhava. O pai de Eli gritou com ele naquela noite, furioso por ele ter desonrado o nome deles ao ajudar um Moran. A mãe de Mira chorou amargamente, implorando à filha que não se deixasse enganar pelos "truques de Gale", ainda alimentando as chamas do ódio.

Apesar disso , algo havia mudado. A notícia se espalhou. Se Eli Gale conseguiu salvar o gado dos Moran, se Mira Moran conseguiu arriscar a vida ao lado de um Gale — talvez a rixa não estivesse gravada em pedra, afinal.

Nem todos ficaram satisfeitos. Certa noite, um grupo de jovens do clã Gale, movidos por um ódio antigo, confrontou Eli à beira do rio. Eles o insultaram, acusando-o de traição e covardia. Quando Eli se recusou a lutar, eles o espancaram, deixando-o ferido e quebrado entre os juncos.

Mira o encontrou lá. Ela chorou enquanto lavava seus ferimentos, suas lágrimas se misturando ao sangue em seu rosto. Ele apenas sorriu em meio à dor.

"Eu não os odeio", sussurrou ele. "Tenho pena deles. São prisioneiros da raiva."

Levou tempo — as estações mudando, as colheitas crescendo e diminuindo —, mas a aldeia não podia negar o que via. O amor entre Eli e Mira cresceu como uma árvore lenta e teimosa, com suas raízes se aprofundando em solo antes estéril. A bondade deles se espalhou, uma rebelião silenciosa contra os velhos costumes. Lentamente, os rancores foram abandonados. Desculpas, desajeitadas e hesitantes, começaram a ser oferecidas.

E onde o ódio antes despertava conflitos sem fim, o amor — amor paciente e persistente — cobriu todas as ofensas e curou o coração partido de uma aldeia, exatamente como o antigo provérbio havia observado: O ódio provoca conflitos, mas o amor cobre todas as ofensas (Provérbios 10:12).